



Desafios epistêmicos e configurações teórico-metodológicas da etnografia virtual no campo da comunicação

Pauli Tomazetti Tainan & Alisson Machado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

E-mail: tainanpauli@gmail.com / machado.alim@gmail.com

Resumo

O artigo está constituído de maneira a compor uma aproximação aos conhecimentos que englobam a prática etnográfica, principalmente na perspectiva das pesquisas no campo da comunicação. Para tanto, discorremos em um primeiro momento a respeito de alguns aspectos teóricos constitutivos do trabalho de campo e da observação participante. Após, traçamos algumas considerações sobre a etnografia virtual no estudo das práticas e interações na internet, demonstrando algumas de suas especificidades. Ao final, nos dedicamos a uma reflexão dos aspectos conjunturais da interface en-

tre comunicação e etnografia, na tentativa de realizar um breve diagnóstico das apropriações tanto metodológicas quanto epistêmicas das abordagens etnográficas no campo da comunicação. Na tentativa de colaborar com o avanço das reflexões sobre as configurações metodológicas dessa natureza, na área, tensionamos alguns aspectos considerados importantes a respeito de uma prática etnográfica atenta às especificidades dos processos comunicacionais, apropriada à reflexão interpretativa dos contextos de partilhas e entrecruzamentos entre comunicação, cultura e tecnologia.

Palavras-chave: etnografia, etnografia virtual, trabalho de campo, metodologia de pesquisa, pesquisa em comunicação.





Abstract

The article is constituted so as to compose an approach to knowledge that comprise the ethnographic practice, especially with the prospect of research in the communication field. Therefore, at first we discuss about some constituent theoretical aspects of fieldwork and participant observation. After, we draw some considerations about virtual ethnography in the study of practices and interactions on the Internet, showing some of its specificities. At the end, we are dedicated to a reflection of the conjunctural aspects of the interface between communication

and ethnography, in an attempt to make a brief diagnosis of appropriations both methodological and epistemic of ethnographic approaches in the field of communication. In order to collaborate with the advance of reflections on the methodological figurations of this nature in the area, we discuss some aspects considered important about an ethnographic practice attentive to the specificities of communication processes, appropriate to reflection of the interpretative contexts shares and intersections between communication, culture and technology.

Key-words: ethnography, virtual ethnography, field work, research methodology, communication research.

Introdução: reflexões etnográficas entre campos científicos

As discussões que trazemos neste artigo ocupam-se a uma das questões mais pertinentes no campo interdisciplinar dos estudos em comunicação na atualidade: as reflexões sobre o caráter etnográfico de nossas pesquisas. Mais especificamente, dedicamo-nos, aqui, a discorrer sobre como as pesquisas de campo – digitais, virtuais e tecno-informacionais de modo geral – vêm sendo metodologicamente discutidas na área da comunicação a partir do desenvolvimento de etnografias.

Assim, é preciso que tracemos, primeiro, breves incursões sobre o terreno científico que configura a etnografia no campo antropológico, para posteriormente, lidarmos com a sistematização de pesquisas concretas do campo da comunicação que se estruturam pelo viés metodológico do fazer etnográfico no universo digital. Assumimos, dessa forma, a retomada de um olhar entre





campos científicos, de modo a propor alguns questionamentos que, aos nossos olhos, frutificam o desenvolvimento reflexivo do processo de pesquisa. Cabe-nos começar esta reflexão com um amplo questionamento, basilar, porém, bastante pertinente: o que vem a ser a etnografia e como ela sustenta a concretude metodológica de uma pesquisa no campo da comunicação?

Geertz (2012, p.04) nos disse certa vez que a etnografia é uma prática epistêmica que está para além do desenvolvimento de simples técnicas metodológicas em campo, para ele: “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, manter um diário (...) mas não são essas coisas, as técnicas, e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento”. Geertz continua sua frase dizendo que o que define propriamente a prática etnográfica recai no espectro e no esforço intelectual da “descrição densa”. Compreendemos, assim, nas definições do autor, que o ato etnográfico é a incessante ação de interpretar, desvelar e também relatar aquilo que se observa: “fazer a etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos” (Geertz, 2012, p.07).

No tocante desta conduta hermenêutica, o prestígio das reflexões construídas a partir das pesquisas etnográficas durante todo o século XX, até os dias de hoje, contribuíram para a elaboração de posicionamentos teóricos e para a deflagração de diferentes tendências científicas no campo das ciências sociais e humanas (funcionalistas, estruturalistas, culturalistas) que vieram a contribuir para o tensionamento crítico e interpretativo dos sistemas socioculturais no contexto cotidiano de sociedades e/ou grupos sociais dos mais diversos. Visando o contato privilegiado entre sujeitos de pesquisa e investigadores, as reflexões etnográficas manifestaram-se da intenção de *olhar para o Outro* e para suas interações micro ou macrosociais junto ao entendimento das mais distintas relações sociais em seus sistemas de ação, sejam eles, entre outros, ritualísticos, parentais, de socialização, políticos ou simbólicos.

Provocados, sobretudo, pela problematização dos aspectos metodológicos desenvolvidos na relação entre teoria e prática etnográfica junto ao campo da comunicação, buscamos traçar uma reflexão, ainda que panorâmica, sobre a prática etnográfica em ambientes virtuais. Pretendemos, dessa forma, fomentar o debate acerca do desenvolvimento de pesquisas de cunho etnográfico no contexto das mídias digitais e da comunicação por internet.





Caminhos ao trabalho de campo: olhares sobre a prática etnográfica

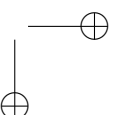
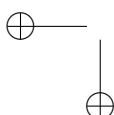
Conforme pontua Damatta (1987), durante o início século XX, a antropologia, ao se distanciar das análises evolucionistas, passou a eleger o trabalho de campo como modo característico de coleta de dados para suas análises e reflexões, fazendo da prática de imergir, observar e escrever sobre culturas o exercício fundante da etnografia. Isso ocorre especialmente a partir das experiências de pesquisa realizadas por Franz Boas e Bronislaw Malinowski¹, autores que desempenharam investigações centradas na coleta de dados empíricos de outras culturas, suas interpretações e categorizações teóricas.

Este deslocamento metodológico ocasionou certa ruptura ou, como destaca Laplantine (2012), uma revolução que põe fim às hierarquias fundantes da pré-história da ciência antropológica, quando o observador, aquele viajante subalterno, trazia as informações, e o pesquisador, aquele com o invólucro da erudição, as analisavam, aclaravam e especulavam. Com um novo olhar para a prática, os antropólogos passam a ser aqueles que saem de seus gabinetes para “compartilhar dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como anfitriões que o recebem e mestres que o ensinam” (Laplantine, 2012, p. 76).

Tendo em vista o empoderamento do olhar empírico sobre o desenvolvimento do campo da antropologia como o conhecemos hoje, é possível traçar uma corrente definição: a etnografia é o pilar que sustenta a antropologia, ou seja, a empiria – seus fatos, contextos e olhares – asseguram ao fazer antropológico o papel de produzir interpretações descritivas com valor científico sobre realidades observáveis.

O cerne do trabalho de campo, assim, consiste em um processo único de “vivência propriamente antropológica” (Damatta, 1987), de interação e reci-

1. Boas e Malinowski são os pesquisadores mais importantes no que concerne à elaboração da etnografia e da etnologia contemporânea. Franz Boas foi um antropólogo americano de origem alemã que se dedicou a estudar, sobretudo, os esquimós da América do Norte. Para além do exercício de mestre da Antropologia Cultural e professor de muitos antropólogos americanos, foi também conservador do museu de Nova York. Bronislaw Malinowski foi um pesquisador da chamada antropologia Social Britânica, dentre suas principais obras está o livro “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, sendo um dos primeiros antropólogos a buscar a imersão total no ambiente cultural que se pretendia investigar.



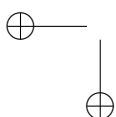


proximidade entre a reflexividade do sujeito cognoscente e a reflexividade dos sujeitos/objetos de investigação, pretendendo sobrepor os limites reducionistas da cultura ou sociedade observada através do convívio prolongado. Conforme Laplantine, a etnografia como conhecemos nos dias de hoje só passa a existir historicamente a partir “do momento no qual se percebe *que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa*” (Laplantine, 2012, p. 75, grifo do autor).

Assim, a etnografia enquanto prática interpretativa é dotada de algumas técnicas peculiares ao tratamento empírico dos dados e informações observáveis. Etnografar, segundo discorre Oliveira (2006), consiste na soma dos atos de *olhar, ouvir e escrever*. A compilação destes três atos cognitivos, como assim denominados pelo autor, evocam um saber que compreende a própria elaboração do conhecimento nas disciplinas sociais e humanas. *Olhar, ouvir e escrever* são, assim, etapas de um processo puramente *relacional* com o universo de pesquisa a ser explorado. Resumidamente, o *olhar*, refere-se ao primeiro contato com o campo de pesquisa; aos trâmites e negociações da observação propriamente dita. A partir disso, o *ouvir* relaciona-se com a segunda etapa em campo, quando a observação evoca a participação com o universo a ser pesquisado e a guinada de um diálogo e de uma interlocução entre pesquisador e campo.

No tocante destas primeiras duas etapas, o ato etnográfico está situado no contexto de coleta de dados e informações pertinentes ao processo investigativo. No entanto, é a partir do terceiro ato cognitivo, o *escrever*, que se assegura a construção de uma etnografia. O ato de escrever é, pois, a configuração do resultado crítico e reflexivo da investigação. Oliveira esclarece que a importância do ato de escrever é tamanha porque ele é simultâneo ao ato de pensar, ou seja, “é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação” (Oliveira, 2006, p. 32).

Experimentar o campo de formas diversas e ajustadas à observação participante, característica peculiar à etnografia, incita-nos a perceber que a experiência de ouvir, sentir, e se relacionar com o campo de pesquisa, apesar do rígido esforço científico, não se define a partir de desenhos metodológicos inflexíveis. Pelo contrário: “as tentativas abordadas, os erros cometidos no campo, constituem informações que o pesquisador deve levar em conta, bem como o encontro que surge frequentemente com o imprevisto, o evento que



ocorre quando não esperávamos.” (Laplantine, 2012, p. 151). Para Geertz, o empenho científico que constitui a etnografia faz-se através da perspectiva de estar *situado* em campo. Empreender, assim, uma inserção no campo de pesquisa não necessariamente compreende a simetria entre pesquisador e informante. Nesse sentido, é importante reconhecer que este processo de *situação* estará de toda forma a mercê das práticas daqueles que o conectam com o campo, os seus interlocutores ou informantes de pesquisa.

No ato da observação participante, o campo etnográfico assinala como fator constituinte a perspectiva da alteridade e da relação direta entre pesquisador e sujeito de pesquisa. Tradicionalmente o objetivo da observação participante é o de experienciar as situações efetivamente vividas das sociedades estudadas a partir de uma técnica, ou de um contexto comportamental, que assume a presença e a percepção direta do pesquisador como fatores que garantem a confiabilidade dos dados coletados e apreensão dos significados que englobam essa prática.

Essas percepções, no entanto, não partem monoliticamente do ponto de vista do pesquisador, mas também, e talvez mais além do simples apelo de suas falas e descrições, pelo olhar e compreensão do *Outro*, dos sujeitos investigados. Desse modo, é preciso evidenciar que a etnografia está localizada em uma “perspectiva segundo a qual a intermediação do conhecimento produzido é realizada pelo próprio nativo em relação direta com o investigador” (Damatta, 1987, p. 150). Sendo assim, a ênfase no olhar dos interlocutores para a compreensão das relações do grupo estudado com o universo que o cerca é o norte da maioria das pesquisas etnográficas.

Nessa perspectiva, o fazer etnográfico consiste em priorizar a total imersão do pesquisador em campo; este deve despir-se de quaisquer julgamentos e formas de interpretação arbitrárias à lógica do sensível aos sentidos e à apropriação de informações, já orientado por esquemas conceituais que formam o modo de perceber a realidade estudada. Acrescentamos ainda que, em meio a essa percepção, é preciso fazer-se e desfazer-se como um membro do empírico investigado, sendo necessário, quando delegável, confluir às experiências de aproximação e afastamento com aquilo que se confronta em campo.

Segundo Rifotis (2010 p.18), uma das maneiras mais eficazes de refletir o estranhamento e detectar os problemas e as especificidades de um trabalho de campo é a construção de um diário campo. Para o autor, ele torna-se a “insígnia” do fazer etnográfico, e, por esta razão, deve ser utilizado para um objetivo



muito específico por trás de uma etnografia: a reflexão sobre a escrita. A urgência da elaboração e escritura de um diário de campo possui uma espécie de incumbência catártica; função de análise e reflexão de todas as observações e categorizações que alcançam a nossa mente, junto à aplicabilidade de releitura e abstração interpretativa do que foi observado.

O diário de campo é mais do que um conjunto de notas escritas cotidianamente a partir da observação direta e participante. A real importância do diário de campo reside exatamente no vaivém entre notas e campo, a reflexão sistemática entre a experiência parcial e a busca por recorrências significativas (Rifiotis, 2010, p. 21).

O relato de campo oriundo da experiência registrada em um diário “marca a iniciação ao *métier* e prova a objetividade da pesquisa” (Rifiotis, 2010, p.19). As anotações cotidianas do diário conformam o relato da experiência vivida *em* e *no* universo empírico, eles são minuciosos e remetem a reflexão sobre as dificuldades, às recorrências e sistematizações entre o campo e seus dados. Indo mais afundo, pensando em conjunto com as reflexões da antropologia interpretativa, o diário de campo inscreve-se como o exercício da alteridade materializado na experiência primeira de anotar e escrever o campo.

A partir dessas reflexões, é possível notar que o trabalho de campo é um dos alicerces do fazer etnográfico. Estabelecer relações com o universo empírico, assim, acentua para a prática um *modus operandi* minucioso e procesual, e ao mesmo tempo, impulsiona sua inerente flexibilidade. As etapas ou processos por de trás da realização de uma etnografia representaram e representam, no contexto acadêmico, um profícuo debate de caráter metodológico e epistêmico em diversas disciplinas sociais. Com adaptações no campo da sociologia, vide Escola de Chicago, da história, da comunicação entre diversos outros, é notável que a etnografia é também configurada pela experiência e pela experimentação em outros campos. Nesse sentido, recorre-se novamente a Damatta (1987) quando diz que o trabalho de campo, via etnografia, nutre-se e reconfigura-se a partir de seus próprios paradoxos e, em vista disso, contribui para reflexão de grande parte do fazer científico nas ciências sociais e humanas, como é possível observar através do importante debate frutificado a partir das pesquisas etnográficas realizadas nos contextos de comunicação pela internet.





A internet como campo: a etnografia virtual no universo das interações online

A internet, desde muito tempo, vem se estruturando como um ambiente de forte interação cultural e espaço de configuração de comunidades sociais, estabelecendo-se como um meio de comunicação plural e flexível que reclama problematizações a partir de seus usos e lógicas de apropriação em rede. Considerando que foi no campo da comunicação em que surgiram as primeiras abordagens de pesquisas nos ambientes virtuais, empreendeu-se, em um primeiro momento, a profunda discussão da internet como um meio de comunicação, no mesmo sentido utilizado nos demais estudos sobre mídia – televisão, rádio e meios impressos. Isto, conforme discorre Máximo (2010), possibilitou a emergência de diferentes abordagens metodológicas e o empreendimento de estudos etnográficos configurados a partir de questionamentos sobre como ocorriam e o que significavam as interações online.

De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2012), tornou-se importante reconhecer o uso exponencial da internet e suas incorporações no cotidiano dos indivíduos. Assim, a incursão da etnografia para investigar o universo online configurou-se enquanto um olhar que considera a proeminência do campo sociotécnico na constituição de variadas interações e possibilidades aos processos socioculturais, processos estes, que requeriam assistências reflexivas, na medida em que reconfiguravam e traziam à tona novos contextos às relações sociais.

Dos esforços de pesquisas centradas nessas definições, a etnografia passou a ser discutida enquanto método apropriado para os estudos de culturas e comunidades virtuais em ascendência nos espaços de interação online. (Fragoso; Recuero; Amaral, 2012). Começando a se expandir na metade da década de 1990, estes estudos estavam inicialmente centrados na constituição de um campo de pesquisa e na defesa de aspectos metodológicos, ora centrados em abordagens ressignificadas, ora sustentados através da etnografia aos moldes tradicionais. Como consequência, abriu-se um caminho para empenho reflexivo da prática etnográfica em diferentes áreas do conhecimento, sob desenhos metodológicos variados, em múltiplos campos de pesquisa e abordagens de recolhimento e interpretação de dados.



Entre os principais estudos que definiram as abordagens deste campo podemos destacar as publicações de Miller e Slater (2000; 2004), Hine (2004) e Kozinets (1998) no âmbito internacional. No Brasil, os estudos do Grupociber no campo da antropologia, constituídos a partir dos trabalhos de Rifiotis (2002); Máximo (2002) e Guimarães (2000), e no campo da comunicação os estudos de Sá (2001); Rocha e Montardo (2005); Recuero (2009); Braga (2006) e Amaral (2008) são alguns dos trabalhos que evocam a reflexão tanto metodológica quanto situacional da prática etnográfica nos espaços virtuais. Como aspecto profícuo para o campo, esses estudos apresentam abordagens distintas que emergem, geralmente, de aspectos localizados na ênfase conceitual e empírica da prática etnográfica.

Foi a partir das publicações de Etnografia Virtual de Christine Hine (2000) e *Netnography: Doing Ethnography research online* de Kozinets (1998) que se passou a empreender a distinção de termos para adjetivação metodológica nos estudos de interação online. A partir daí, as investigações com abordagens etnográficas na internet passaram a se chamar de netnografias, etnografias virtuais, webnografias, etnografias digitais, e assim por diante (Fragoso; Recuero; Amaral, 2012), sendo as duas primeiras denominações as mais disseminadas nos contornos acadêmicos.

Decorrente de distintas perspectivas, as designações terminológicas conformam o debate sobre a distinção da experiência etnográfica nos espaços virtuais. Considerando essas distinções, é importante ressaltar a crítica à perspectiva metodológica da netnografia (Kozinets, 1998) por sugerir certa simplificação de rumo técnico em apriorística definição de caráter instrumental da prática etnográfica (Máximo, 2012). Para Máximo (2012, p.303), Kozinets “considera a netnografia como uma adaptação de método antropológico com ênfase para o trabalho de campo e para observação participante. Nesse sentido, o autor revela “vantagens” da netnografia no que se refere aos “dados” produzidos durante as pesquisas”. Desse modo, a abordagem do autor sugere facilidades à experiência de observação e coleta de dados em decorrência ao uso estratégico da prática etnográfica enquanto simples ferramenta metodológica.

Entendido, ao mesmo tempo, enquanto lugar de práticas culturais e artefato cultural, para Hine (2004), um objeto de estudo como a internet desafia a produção de uma teoria reflexiva sobre aspectos centrados nos estudos etnográficos. Assim, através destas duas dimensões, os usos das tecnologias



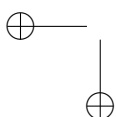
virtuais podem ser pensados contextualmente no entorno dos nexos culturais de sua apropriação. A interatividade e as múltiplas conexões asseguradas pela presença de grupos sociais na internet deliberam à oportunidade de produzir pesquisas etnográficas na medida em que nos “mostram alto grau de flexibilidade interpretativa” (Hine, 2004, p.81).

Para Hine, assim, a etnografia virtual acentua a percepção de como as tecnologias da comunicação reelaboram ou reestruturam os mais distintos contextos em que interatuam sujeitos em suas culturas. Nessa perspectiva, a etnografia virtual vislumbra explorar “a compreensão das possibilidades da internet e as implicações de seus usos” (Hine, 2000, p. 17). De acordo com Máximo (2012, p.300), a concepção de Hine permite sustentar que a complexidade dos fenômenos socioculturais assegurados na internet não devem ser reduzidas à transposição metodológica, mas sim, “a importância de se colocar em foco os pressupostos que estão na base da etnografia juntamente com aspectos relativos às tecnologias que se tornam centrais e constitutivos desses contextos que estamos estudando”.

Quando Hine discorre sobre pensar contextualmente as práticas sociais através do status da internet como um lugar de ensejo cultural, a autora abre brechas ao diálogo sobre a reflexão das continuidades, atravessamentos e disparidades do online e do offline nas práticas dos sujeitos. Doravante bastante criticada, a persistência na distinção entre os domínios *on* e *off* nas investigações da internet prescrevem certa reclusão das múltiplas possibilidades assentidas pela lógica das apropriações dos espaços comunicacionais em nossas sociedades.

Miller e Slater (2000; 2004) oferecem caminhos bastante críticos para a desconstrução desta dualidade. Para os autores, “uma abordagem etnográfica na internet deveria incluir seguramente pesquisas online e offline” (Miller; Slater, 2004, p.43). Considerando essa perspectiva, eles observam a internet como característica constitutiva das sociedades complexas, e, por assim ser, as oposições entre online e offline destoam à relevância contextual da etnografia:

o problema é a falta de atenção às formas em que o objeto e o contexto precisam ser definidos em relação um ao outro para projetos etnográficos específicos. Às vezes, o uso da Internet parece constituir virtualidades, às vezes não. Certamente, no entanto, as diferenças observadas sobre esse assunto irão ou deveriam mudar





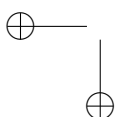
as formas como um(a) pesquisador(a) reflete sobre a complexa relação entre pesquisa on-line e off-line, ao invés de incitá-lo(a) a começar de uma posição presumida e dogmática sobre esse tema (Miller; Slater, 2004, p.47).

Mais recentemente Miller (2012) vem a acentuar a esta perspectiva uma importante ressalva. Segundo o autor, não devemos nos orientar pela afirmação doutrinária de que uma pesquisa conduzida completamente no espaço online não possa configurar uma “etnografia adequada”. Ao contrário, o fazer etnográfico não pode ser definido por distinções, ele deve, no entanto, relacionar contextos observáveis, e isto não significa a existência impreterível de atravessamentos e continuidades em todas as expressões relacionáveis entre o online e o offline.

Pensando essas relações, é interessante sublinhar novamente a necessidade de uma abordagem contextual, pois é a partir dela que as considerações relativas ao processo de interação adquirem significado dialógico em seu próprio registro. Parece-nos caro, assim, o que sugerem Leitão e Gomes (2011, p.28), de que “os limites e as relações entre o on e o off não podem ser apriorísticos, mas definidos pelo próprio campo”. Dessa maneira, a relevância da distinção, ou não, entre online e offline e seus possíveis atravessamentos devem ser acionados a partir dos próprios interlocutores da pesquisa, pois: “estudar um mundo virtual em seus próprios termos implica reconhecer que as definições e teorias nativas sobre a distinção on e off são muito mais relevantes do que nossas definições teóricas prévias à entrada em campo”.

Cabe-nos ressaltar que os usos e apropriações da internet, apesar de representarem um contexto de relações sociais mediadas por tecnologia, por muitas vezes não se esgotam na função da tecnologia em virtualidade. Delegável dessa preocupação, tomamos enquanto notável a problematização da adjetivação de uma etnografia como ‘virtual’ pela importância cada vez mais crescente da internet como parte indissociável no contexto contemporâneo às relações sociais.

Hine (2008), por exemplo, já declara a relevância de uma etnografia que busque revelar interpretações diversas dos usos das tecnologias pelos campos em que interatuam seus interlocutores. Para autora, pesquisas recentes na internet vêm apontando a relevância de atravessamentos e descontinuidades





des entre o online e o offline e julga-se, assim, questionável até que ponto poderíamos ainda demarcar uma etnografia como sendo “virtual”, ou não.

Na mesma perspectiva, Máximo sublinha a relevância situacional dos contextos comunicativos nas experiências de pesquisa na internet não delimitadas a um unívoco ou dualista processo informacional, mas como referente a transversalidades ou circularidades específicas pois, conforme a autora, é no interior da experiência etnográfica que se pode alcançar e compreender a especificidade dos campos de pesquisa, sejam eles online, off-line, ou ainda, resultantes dos entrelaçamentos entre ambos os domínios. Dessa forma, “a multiplicidade de termos criados para se especificar as etnografias realizadas online perdem sua força e seu sentido” (Máximo, 2010, p.310).

No ensejo de percorrer, através da etnografia, os ambientes onde acontecem as sociabilidades dos interlocutores (Guimarães Jr, 2010), é preciso, ainda, considerar, conforme Rifotis (2010, p.22), os diferentes modelos de socialização de nossos interlocutores, enquanto “um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos”, processos transmutáveis que integram experiências múltiplas em diferentes lugares de interação.

Assim, parece-nos interessante a definição de Guimarães Jr (2010, p. 50) sobre os ambientes de sociabilidade na internet e a flexibilidade dos contextos nos quais eles acontecem. Conforme o autor, quando chamamos de “ambientes” os lugares das práticas socioculturais e comunicativas, ou seja, as tecnologias utilizadas para sua criação – os ambientes de sociabilidade online – não apenas nos referimos a contextos sociais, mas sim aos processos que engendram a criação e os usos dos próprios contextos. Dessa forma, a relação entre tecnologia e cultura, torna-se fluída e dinâmica nas pesquisas da internet, onde os usuários utilizam, adaptam, ressignificam e transformam tanto as tecnologias, quanto as práticas em que nela realizam.

Etnografando no campo da comunicação: técnica, método ou abordagem epistêmica?

Desterritorializar o campo da comunicação, através de uma abordagem da comunicação desde a cultura, apresenta-se como uma das formas pensadas por Jesús Martín-Barbero (2004) para romper com o pensamento instrumental que tem dominado a maioria de suas pesquisas. Para o autor, junto à herança



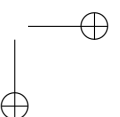
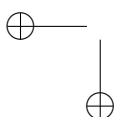


da autolegitimação do otimismo tecnológico irrefletido, associado ao conceito de informação, vemos despontar a complexidade e legitimidade intelectual desse campo de estudos, na urgência de pensar a comunicação como um lugar estratégico na interface entre sociedade e cultura.

A transdisciplinaridade do campo de estudos da comunicação, para Martín-Barbero, não significou a dissolução de seus objetos de estudos no campo das demais disciplinas sociais, mas sim a construção de articulações que fazem a sua especificidade ao analisar os processos comunicacionais como matriz de desorganização, reorganização e interpretação das experiências sociais. Com o desenvolvimento do campo e a renúncia da perspectiva polarizada entre emissores e receptores, cada vez mais as pesquisas apontam para objetos e processos comunicacionais complexos, descentralizados, híbridos e temporários. Nesse sentido, conforme Travancas (2014), a necessidade de refletirmos sobre nossas sociedades complexas e o lugar de destaque dos meios de comunicação possibilitaram aos pesquisadores aproximações com pesquisas de cunho etnográfico que, antes raras na atualidade do campo, consolidam-se e aprimoram-se abrindo espaço para diferentes questionamentos, refletindo tanto as práticas comunicacionais em seus mais variados contextos e suportes, quanto as formas de produção do próprio conhecimento comunicacional de abordagem etnográfica.

Tendo em vista estas considerações, nosso foco recai aqui na tentativa de problematizar e refletir como a etnografia vem sendo metodologicamente discutida no contexto brasileiro a partir do desenvolvimento de pesquisas no âmbito da comunicação pela internet. Nosso olhar sob as configurações espaciais e tecnológicas da comunicação online, se deve principalmente ao fato de que no campo da comunicação há uma expoente reflexão no que diz respeito às interações mediadas pelos sistemas informacionais, suas formas de expressão e modalidades sociotécnicas.

Isto se torna observável junto à expansão deste campo de estudos já no início dos anos 2000, quando no Brasil iniciam-se as primeiras pesquisas. Hoje, com o avanço de Grupos de Trabalho em eventos importantes da área como o GT de Comunicação e Cibercultura, da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, e a Divisão Temática de Cibercultura, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, além da consolidação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber. A impulsão e visibilidade dos estudos



em comunicação pela internet vem se fortalecendo e construindo um importante diagnóstico sobre as diversas abordagens teórico-metodológicas diante da intersecção entre tecnologia, cultura e sociedade.

Com vistas a um olhar ainda panorâmico, discutimos aqui alguns exemplos de pesquisas produzidas na primeira década dos anos 2000 e que vem servindo de referência à área para refletir sobre as configurações metodológicas. Dentre os principais pesquisadores podemos citar Simone Pereira de Sá (2001) que, ao estudar as listas de discussão online a respeito do carnaval carioca, empenha-se em desvelar a etnografia como método privilegiado para compreender os usos específicos e concretos da comunicação pela internet. A autora introduz uma reflexão bastante fértil ao campo, ao esmiuçar e incorporar o desenvolvimento etnográfico em sua pesquisa. Denominando a prática sob a adjetivação de netnografia, Sá confere ao processo etnográfico em ambientes virtuais a necessidade de transposição metodológica das “etnografias clássicas”, adaptando-as aos termos de uma pesquisa no ciberespaço.

Assim como Sá (2001), Rocha e Montardo (2005), Recuero (2009); Braga (2006), Amaral (2008) e Amaral; Natal e Viana (2008) apresentam a etnografia como uma questão de caráter metodológico e aplicável. Por vezes denominada de “técnica”, “perspectiva” ou “abordagem”, a etnografia nos espaços virtuais é evidenciada enquanto uma ferramenta estratégica de percepção metodológica que tende a

proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos [...] (Rocha; Montardo, 2005, p.04).

Nessas pesquisas, as apropriações das técnicas etnográficas como, a observação participante, diário de campo e entrevistas tornam-se funcionais e adaptáveis aos contextos e objetividades de cada recorte. Isto conjuga, de certa forma, o próprio modo de encarar o conhecimento etnográfico através da confusão terminológica entre, o que é etnografia virtual (Hine, 2000), de um lado, e o que é netnografia (Kozinets, 1998), de outro, termos que possuem olhares díspares no próprio campo antropológico e que, portanto, devem ser problematizados em nossas pesquisas.

Com esta confusão, o olhar reflexivo e dinamizador da etnografia toma o risco de ser deixado de lado, na medida em que se passa a pensá-la enquanto



simples técnica, método ou instrumento de pesquisa, exaurindo suas virtudes conceituais. A vivência etnográfica, da mesma forma, fica inerte a ser descaracterizada junto a sua simplificação decorrente de algumas possibilidades de ação e interação permitidas pelo universo online. Fragoso, Recuero e Amaral (2012) pontuam essa prática, por exemplo, a partir da configuração de dois cenários que compreendem a inserção dos pesquisadores em campo: *lurkers* ou *insiders*, sendo o primeiro deles a alternativa de uma entrada silenciosa em campo, sem identificação, e o segundo, ao contrário, aquele que leva para campo suas práticas e olhares individuais. Quanto a isso, nos cabe uma breve reflexão: o que configura a etnografia, senão aquilo que antropólogos denominam de experiência etnográfica? No tocante dessas alternativas, o fazer etnográfico tende, no mínimo, a ser reduzido na dimensão da experiência, algo que lhe é próprio e configurador. Para Máximo, esta designação bifurcada tende a

remeter a uma espécie de “objetivação” da experiência etnográfica, transformando em “ferramentas” de pesquisa aquilo que é próprio da vivência de cada pesquisador. Tomando por base os entendimentos canônicos acerca da representação etnográfica, diríamos que realizar uma observação mais silenciosa ou mais participante não implica em escolhas que o pesquisador deve fazer a priori, mas depende das relações e das negociações estabelecidas em campo e, portanto, são processos construídos no âmbito de cada experiência de pesquisa particular (Máximo, 2012, 306).

Entende-se, no entanto, a necessidade da incorporação de uma perspectiva multimetodológica em pesquisas de campo com especificidades comunicacionais. Como aponta Amaral (2010, p.129): “a combinação multimétodos reforça e desvela o caráter epistêmico da etnografia e está presente em estudos que priorizam objetos distintos da cibercultura”. Contudo, necessitamos no campo da comunicação, de olhares vigilantes sobre as práticas teórico-epistemológicas de outras disciplinas sociais, que já possuem maior domínio e maturidade teórico-etnográfica, de modo a encontrar nitidez metodológica, fomentadora da crítica conceitual de nossas próprias abordagens.

O empenho etnográfico, que no campo da antropologia culminou na sua constante autoreflexividade aponta, para além dos processos de investigação, seu próprio devir. Conforme Mariza Peirano (2014), no campo da teoria an-



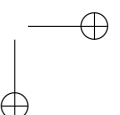
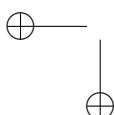


tropológica, renunciada a oposição entre teoria e empiria, as monografias legadas pela história da antropologia possibilitaram a reflexão de suas próprias heranças e fontes teóricas, reconfigurando, sempre no presente histórico da disciplina, indagações originais e outras novas a serem considerados. A etnografia, para a autora, representa a novidade do conhecimento etnográfico na medida em que

aprendemos, daquele momento em diante, que o “método etnográfico” implica a recusa a uma orientação definida previamente. O refinamento da disciplina, então, não acontece em um espaço virtual, abstrato e fechado. Ao contrário, a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (Peirano, 2014, p. 381).

As pesquisas e monografias etnográficas não são resultados da aplicação de simples “métodos etnográficos”, mas sim, formulações *teórico-etnográficas* que atravessam todo o processo de pesquisa. Conforme Peirano (2014), todo o antropólogo reinventa constantemente a antropologia. Cada pesquisador contribui para repensar a disciplina, porque a necessidade de olhar para trás e conceber novas formas de pesquisa acaba por fomentar a reflexão de seu próprio dever. No campo de estudos da comunicação, essa vivacidade da abordagem epistêmica da etnografia também pode ser encarada como possuidora da mesma força motriz, tanto no tangente ao percurso já realizado, quanto em relação aos novos objetos de pesquisa que instauram-se principalmente na interface entre indivíduo, cultura e tecnologia.

Esta configuração norteadora da prática etnográfica só tende a frutificar a reflexão, tanto das tendências de pesquisa qualitativa quanto das abordagens epistêmicas, no campo da comunicação. Nesse sentido, para além do olhar problematizador para a configuração da etnografia enquanto simples método, é preciso que voltemos às bases de sua prática: etnografar é escrever, e escrever sobre cultura. Dessa forma, como aponta Geertz (2012), a etnografia não se completa no trabalho de campo (observação participante, diário de campo e entrevistas), todo o processo de empenho etnográfico deve culminar na descrição densa e interpretativa, ou seja, no ato da escrita. Assim, é preciso também levar em consideração que a relevância sistêmica e reflexiva do trabalho de





campo é porção integrante, mas não configuradora da prática etnográfica a partir do entendimento de que o texto é o lugar de excelência da pesquisa.

Geertz (2012), que contribui satisfatoriamente na constituição deste pensamento, nos diz que o etnógrafo inscreve-se no discurso social e, assim, o anota, transformando um acontecimento existente em seu tempo em um relato transponível há outros tempos. Para ele, o etnógrafo é aquele que escreve. Avaliando as análises clássicas, Geertz converte a interpretação antropológica sob uma perspectiva cultural particular, ou como ele mesmo denomina “microscópica”, sobre a égide do nativo. O autor, assim, recai explicitamente no texto etnográfico apresentando seus limites e particularidades.

Considerando que a eficácia do texto etnográfico tem relação com a compatibilização entre campo e escrita, entre o *estar lá* e o *estar aqui*, Geertz (2002) avalia que:

... a capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com a aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida, de realmente haverem de uma forma ou de outra “estado lá”. E aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu que entra a escrita (p. 15).

A escrita configura-se enquanto um lugar de importância etnográfica na medida em que entrar no texto seja tão complexo quanto entrar na cultura estudada (Geertz, 2002). A noção da autoria textual é desmistificada com a argumentação de que a divulgação “dos textos saturados e a dos textos esvaziados de autor” (Geertz, 2002, p.21), são o exemplo do confronto da ambiguidade metodológica na descrição etnográfica “entre ver as coisas como se deseja que elas sejam e vê-las como elas realmente são”.

A dificuldade deste exercício está configurada em um contexto de veracidade científica atravessada por dispendiosa experiência pessoal e subjetiva amplamente empírica. Assim, a literatura etnográfica esteve sempre amparada pelo convencimento de que não apenas os etnógrafos estiveram lá (no campo) “mas ainda de que se houvésemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram” (Geertz, 2002, p.29). O estar presente no texto, nesse sentido, é inerente à prática da observação.



Como Geertz, outros autores vieram a discutir sobre o processo que configura a escrita etnográfica. Os chamados antropólogos pós-modernos, assim o fizeram exaustivamente diante da compreensão de que o texto vem a definir as bases epistêmicas da etnografia. Produzida principalmente nos Estados Unidos, a crítica pós-moderna da antropologia tem relação principal com o questionamento do texto etnográfico clássico, considerando o papel de autoria discursiva e textual da escrita, e desvelando uma perspectiva crítica da relação entre o modo de interlocução cultural assentado pelas monografias etnográficas, tanto clássicas quanto contemporâneas.

Com influência da antropologia interpretativa, autores como James Clifford, George Marcus e Paul Rabinow se inscrevem no hall de antropólogos que tomam enquanto objeto de reflexão a interpretação do texto. A coletânea de artigos *Written Culture* (1986), organizada por Clifford e Marcus é um marco das preocupações advindas dos processos textuais para a antropologia contemporânea. A escrita, assim, toma lugar de conhecimento.

Para James Clifford (2008, p.21), “a etnografia está do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual”. Ao indagar a autoria do campo sobre a composição do discurso etnográfico, Clifford faz a ressalva de que a escrita etnográfica deve procurar meios de imprimir adequadamente a autoridade do informante diante da complexa relação como etnógrafo. Priorizar o dialogismo não significa somente dispor o diálogo no texto, sustenta o autor. Assim, trazer a interpretação descritiva do terreno da experiência de observação para a escrita encena o resgate e a inscrição da relação estabelecida no processo investigativo:

O que se vê num relato etnográfico coerente, a construção figurada do outro, está conectada em uma dupla estrutura contínua, com a qual se entende. [...] A narrativa etnográfica de diferenças específicas pressupõe e sempre se refere a um plano abstrato de similaridade (Clifford, 2008, p.67-68).

De acordo com Teresa Caldeira (1988), a crítica pós-moderna, ao questionar a autoridade dos textos etnográficos pretende realizar o parecer sobre a presença ambígua do autor nos textos, na medida em que ele precisa mostrar-se para garantir a vivência do campo e esconder-se para assegurar a objetividade científica da investigação. Assim, no juízo de ambas, presença assídua e insuficiência de presença, os pós-modernos irão acentuar que o deslocamento



do texto diz respeito ao próprio conhecimento antropológico, no qual se produz “de um lado, em um processo de comunicação, marcado por relações de desigualdade e poder, e, de outro, em relação a um campo de forças que define os tipos de enunciados que podem ser aceitos como verdadeiros” (Caldeira, 1988, p.135).

As ideias dessas reflexões referem-se ao texto etnográfico como tributário da representação de muitas vozes em negociações dialógicas. Assim, o que defendem antropólogos como, Clifford, por exemplo, é a reflexão do *modus operandi* da escrita sobre culturas, a fim de que se incorpore o pensamento e a consciência sobre seus procedimentos. Conforme escreve Teresa Caldeira (1988, p.141), a etnografia partir dessa constatação crítica “não deve ser uma interpretação sobre, mas uma negociação com um diálogo, a expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes (...). A proposta é, então, escrever etnografias tendo como modelo o diálogo ou, melhor ainda, a polifonia”. Isto não significa, no entanto, apenas a transcrição plena de diálogos do campo, mas uma figuração textual que, mais do que transcrever falas, dê voz e paridade autoral entre pesquisador e campo (Clifford, 2008).

Talvez uma das realidades de pesquisa mais polêmicas e menos discutidas quando se produzem etnografias online, ou não, em outros campos que não o da antropologia, seja a dimensão da presença do autor na descrição e interpretação da realidade observada. É perceptível, junto às pesquisas citadas, que a definição da reflexividade dos textos seja encarada enquanto periférica na área da comunicação, em detrimento do vigor empírico e dos procedimentos do trabalho de campo. Pouco se expressa a respeito do caráter dialógico e até mesmo polifônico das interrelações estabelecidas entre o campo e o pesquisador. Na maioria das vezes, as reflexões se dissolvem pela ótica de uma descrição impassível e de um afastamento neutralizador e neutralizante das práticas, interações e daquilo que é vivido (e sentido) no campo, na tentativa de endossar a objetividade do discurso científico.

Empreendendo uma útil relação a respeito da escrita etnográfica relacionada aos atos cognitivos inscritos na prática do olhar, do ouvir e do escrever (Oliveira, 2006), pode-se afirmar que eles estão interligados ao que reflete Geertz sobre a dialógica entre o estar lá (olhar e ouvir) e estar aqui (escrever). Nesse sentido, escrever torna-se o ato de textualização do processo recorrente ao estar, ver e ouvir no campo para o plano discursivo. Retornando a Oliveira, o momento da escrita torna-se a maneira de reunir a excelência da prática



investigativa e permitir, ao mesmo tempo, a comunicação científica entre pares acadêmicos e comunidade interessada, marcado pela interpretação *do e no* texto etnográfico.

Assim, nos parece caro afirmar que, também nas pesquisas em comunicação, textualizar as práticas socioculturais segue sendo um tarefa complexa na medida em deva corresponder a uma inscrição no contorno ético, constituinte da relação com o campo, e disciplinar, função acadêmica do empreendimento científico. Torna-se claro que refletir o processo da escrita faz com que os sentidos referidos à interpretação e descrição do campo, daquilo que pretende-se conhecer e investigar, sejam eminentemente constituídos por reflexividades, tanto teóricas, quanto empíricas através das especificidades e orientações epistêmicas do campo.

A discussão sobre a presença ou a falta de presença do autor no texto, dessa forma, deve ser incorporada como exercício constitutivo da experiência etnográfica em quaisquer disciplinas sociais. Parafraseando Oliveira (2006), é necessário que haja o reconhecimento da pluralidade de vozes que compõem a situação etnográfica, vozes estas, que não devem ser caladas pelas impessoalidades ou intimidades exageradas, que devem, no entanto, serem distinguidas, ouvidas e interpretadas no texto.

Assim sendo, é útil que façamos nossas próprias indagações diante de complexidades teórico-metodológicas como estas: a escrita de nossos textos, enquanto pesquisas na área da comunicação envolvem um exercício complexo de reflexão autoral? Quem é o “nós” que escreve o texto? E o que ele diz sobre relação entre campos disciplinares – comunicação, antropologia, sociologia, história, etc.? Essas reflexões tomam proporções dobradas, na medida em que torna-se frutífero incorporar o encontro etnográfico na prática textual de nossas investigações mas, também, algo que nos parece bastante pertinente, torna-se labiríntico realizar o deslocamento categórico do campo no qual nos situamos, disciplina social intersubjetiva assentada no caminho de certas objetividades científicas. O que pretendemos dizer é que algo relevante às disciplinas sociais e humanas, como a discussão sobre a escrita científica, já presente há tempos em reflexões sobre a construção do saber antropológico, segue ainda deveras escasso, para não dizer inexistente, no campo da comunicação.

Assim, o estilo do texto produzido em nossas investigações vem ao encontro da prática interdisciplinar que realizamos, buscando um *modus operandi*



que, flexível, define-se a partir dos objetivos de cada pesquisa e do campo a partir do qual comunicamos, o que não nos impede, obviamente, de incorporarmos essas questões, basilares para a prática da pesquisa etnográfica.

Dessa forma, um olhar especializado para o universo dos processos comunicativos, é o que, segundo França (2001, p. 15), caracteriza as pesquisas no campo da comunicação. Para a autora, é essa mirada particular que define o processo de reflexão das práticas comunicacionais e que permite aos estudiosos do campo encontrar “um denominador comum em todas essas situações – que caracterizam o nosso saber e fazem do viés da comunicação um lugar de conhecimento”. Abordagens etnográficas orientadas por esse olhar exigem dos pesquisadores da comunicação atenção aos seus objetos de estudo, bem como aos usos e apropriações das tecnologias de comunicação, nas agências dos agentes da pesquisa.

Nesse sentido, a ideia de *tradução*, de matriz interpretativa geertziana, pode colaborar na elaboração de uma abordagem epistêmica da etnografia no campo da comunicação. De acordo com Geertz (2013), embora muitas coisas possam ser perdidas, mas também muitas outras possam ser encontradas, a tradução é o processo através do qual um significado é transferido, ou não, de uma linguagem para outra. Da base empírica às formulações teóricas, a tradução das práticas e interações sociais, inclusive no meio virtual, em termos metodológicos, implica na formulação do suporte teórico e no uso de técnicas de pesquisa e coleta de dados que estabeleçam as asserções reflexivas, traduzíveis e interpretativas, pelas quais, tais ações podem ser explicadas.

Conforme Geertz, fortemente marcada pela intersubjetividade, não apenas do pesquisador, mas também dos sujeitos observados, a tradução das práticas sociais implica, ao observar determinados atos, em compreender como se efetivam e transformam as estruturas de pensamento que definem os próprios atos. Nessa dinâmica, ela atenta à definição dos campos específicos, que funcionam com regras próprias e em modelos adquiridos e compartilhados.

Enquanto matriz epistêmica da etnografia, traduzimos, em um primeiro nível, a herança teórica da disciplina e as descobertas de campo já realizadas, em reflexões teóricas que iluminam o presente (do olhar) da investigação. Traduzimos também, em um segundo nível, as práticas sociais, material e simbolicamente expressas nos mais diferentes códigos, sinais e símbolos, dispostos nos mais variáveis fluxos, em uma linguagem comum e, geralmente, redigida – o texto etnográfico.





Mas, para além disso, o que gostaríamos de salientar atentando às pesquisas do campo da comunicação é sua especialidade, epistemologicamente orientada, em traduzir as práticas comunicacionais. Isso implica, nos ambientes de interação online, em observar suas diferentes materialidades, ou seja, a estrutura materialmente virtual e variada que compõem as interfaces das interações dos sites, *blogs*, redes sociais, entre outros, bem como a estrutura convergente em diferentes plataformas, ambiências e dispositivos. A tradução das práticas comunicacionais deve atentar, ainda, à variedade dos elementos que constituem essas materialidades: textos, fotografias, vídeos, imagens, musicalidades, sonoridades, movimentos, rotas e possíveis fluxos, experiências narrativas, falas, diálogos, debates, opiniões, entre outros, não separados de nossas intencionalidades, interesses e contradições. São essas materialidades, enquanto indícios das práticas socioculturais, que apontam aos usos e às apropriações das tecnologias comunicacionais, através das quais realizamos nossas trocas e interações, realizando também, de certo modo, a nós mesmos.

Considerações finais

A complexidade e a densidade das práticas comunicacionais, na atualidade da pesquisa em comunicação no Brasil tem despertado, em seus pesquisadores, a necessidade de abordagens teórico-metodológicas que possibilitem lançar bases para uma reflexão orientada pela contextualidade e singularidade, mobilizadas por seus diferentes objetos de estudo. A este cenário, soma-se os usos, apropriações e intencionalidades da internet, como uma importante esfera onde se efetivam muitas de nossas interações, constituintes de nossas relações sociais e posições de sujeitos.

Na interface entre comunicação, cultura e tecnologia, despontam problemáticas de pesquisa que apontam, cada vez mais, para a necessidade de posturas críticas multimetodológicas, capazes de diagnosticar e interpretar experiências comunicacionais diversas, atravessadas por ambiências convergentes, pelas quais, os sujeitos sociais, realizam suas ações. Atentando a essa atmosfera, as aproximações com o campo da antropologia, em especial da etnografia, tem se revelado promissoras por possibilitarem, através de perspectivas sempre singulares e contextuais, formas de compreensão de tais fenômenos.





A etnografia, no campo da comunicação, vem sendo vivida e experienciada em uma grande variedade de temáticas, instigando a seus pesquisadores uma série de posicionamentos e questionamentos que tem tornado frutíferas tais incursões, principalmente nos estudos ligados à internet. Muitas perguntas pertinentes vem sendo realizadas: O fazer etnográfico em ambientes virtuais requer as mesmas práticas de campo das etnografias convencionais? Quando estudamos os atravessamentos e as práticas entre *on* e *off*, por onde começar a observar? Onde está e começa o campo de pesquisa? Que tipo de imersão realizamos? Como se efetiva a observação participante em grupos debate e fóruns de discussões? Anonimato ou “dar as caras”? Para muitas dessas indagações não temos respostas, tampouco acreditamos que possam ser esgotadas. Na realidade, residem nessas formulações e reformulações, os fundamentos de nossa prática científica e o dever de nossa ciência.

As especificidades situadas nesses questionamentos nos oportunizam o avançar de reflexões sobre as figurações metodológicas do fazer etnográfico problematizando os próprios fundamentos de nossas sentenças interpretativas. Na medida em que os estudos no campo da comunicação já não estão, há tempos, orientados pela linearidade entre emissor e receptor, é, no mínimo, intrínseco ao desenvolvimento de nossas pesquisas, considerar a circularidade dos processos comunicacionais em nossos objetos de investigação.

Entender a etnografia não como um método, mas como formulações teórico-etnográficas (Peirano, 2014) garante, para além das asserções interpretativas que realizamos de nossos universos empíricos, a constante motivação das conjunturas reflexivas que orientam as descobertas e conexões do trabalho de campo e da escrita etnográfica. Além disso, é necessário garantirmos uma constante crítica e vigilância epistemológica em relação ao uso instrumental da etnografia apenas como método de obtenção e coleta de dados empírico.

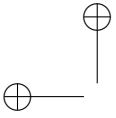
Essa postura tende a apagar as contradições, tonalidades e especificidades que constituem a própria natureza (e a virtude) da prática etnográfica. O apagamento da dimensão autoral (e das trocas subjetivas) tende a obscurecer também as próprias práticas que intentamos investigar. É preciso assumir a etnografia. Assumir o fazer etnográfico no campo da comunicação, vindo o saber acumulado pelas tradições antropológicas já consolidadas, não como amarras, mas como conjunturas possíveis, ao mesmo tempo em que devemos atentar às especificidades comunicacionais que nos interessam e nos orientam a trilhar nossos próprios caminhos.



Referências

- Amaral, A. (2008). Autonetnografia e inserção online. O papel do pesquisador-insider nas subculturas da web. In *Anais do GT Comunicação e Sociabilidade do XVII Encontro Anual da Compós*. São Paulo.
- Amaral, A. (2010). Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, 0(86): 122-135.
- Amaral, A.; Natal, G. & Viana, L. (2008). Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista FAMECOS*, 20: 34-40.
- Braga, A. (2006). Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *Unirevista*, 1(3): 1-10.
- Caldeira, T. (1988). A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos*, 21: 133-157.
- Clifford, J. (2008). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Clifford, J. & Marcus, G. (1986). *Written Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Los Angeles: University of California Press
- Damatta, R. (1987). *Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Fragoso, S.; Recuero, R. & Amaral, A. (2012). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- França, V. (2001). Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. *Ciberlegenda*, (5).
- Geertz, C. (2013). *O saber local*. Petropolis: Vozes.
- Geertz, C. (2012). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Guimarães Jr, M. (2000). *Vivendo no Palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.
- Hine, C. (2004). *Etnografía virtual*. Barcelona: Editorial UOC.
- Hine, C. (2008). Virtual Ethnography: Modes, Varieties, Affordances. In N. Fielding, *The SAGE Handbook of Online Research Methods* (1st ed.). London: SAGE.

- Horst, H. & Miller, D. (2012). *Digital anthropology*. London: Berg.
- Kozinets, R. (1998). *Netnography*. Los Angeles, Calif.: SAGE.
- Laplantine, F. (2012). *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Leitão, D. & Gomes, L. (2011). Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. *Cronos*, 12(1): 23-38.
- Martín, B.J. (2004). *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Miller, D. (2012). *Digital anthropology*. London: Berg.
- Miller, D. & Slater, D. (2004). Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, 10(21).
- Miller, D. & Slater, D. (2000). *The Internet*. Oxford: Berg.
- Máximo, M. (2002). *Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.
- Máximo, M. (2010). Da metrópole às redes sociotécnicas: a caminho de uma antropologia no ciberespaço. In T. Rifiotis & M. Máximo, *Antropologia no ciberespaço* (1st ed.). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Máximo, M. (2012). A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In Maldonado, Máximo, Lacerda & Bianchi, *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação* (1st ed.). Rio do Sul: Univadi.
- Oliveira, R. (2006). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 42: 377-391.
- Recuero, R. (2009). Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, 1(38): 118-128.
- Rifiotis, T. (2002). Antropologia do Ciberespaço: questões teórico- metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. *Antropologia Em Primeira Mão*, (51).



- Rifiotis, T. (2010). Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre a pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In T. Rifiotis & M. Máximo, *Antropologia no ciberespaço* (1st ed.). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Rocha, P. & Montardo, S. (2005). Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós*, 4: 1-22.
- Sá, S. (2001). Netnografias nas redes digitais. In *X Compós*. Brasília.
- Travancas, I. (2014). A experiência do trabalho de campo no universo da comunicação. *Revista Extraprensa*, 1(14).

